

Os Pecados da Mídia

J. Roberto Whitaker Penteado

Tem liberdade, na imprensa, quem é dono dela. - A. Liebling

Se há assunto sobre o qual se lê, ouve ou vê muito pouco são as críticas à mídia. Este é o calcanhar de Aquiles da imprensa moderna – ou, melhor dizendo, da mídia, pois já faz tempo que a indústria da informação não se limita ao equipamento inventado por Gutenberg e em razão do qual estamos festejando um bicentenário, no Brasil.

Têm relativa sorte, os donos da mídia, de que os maiores inimigos da sua liberdade são os economica e politicamente poderosos – que desejam calar os seus veículos para poderem melhor exercitar seus desmandos e falcatruas sem serem denunciados. Nesses embates, restam poucas dúvidas sobre com que lado está a razão ou a justiça. Liberdade de expressão em todo o mundo e – em particular – no Brasil, significa quase exclusivamente liberdade de expressão para a imprensa, ou a mídia.

E, no entanto, até mesmo nos veículos mais liberais – não lhes citarei os nomes, mas são os principais jornais e revistas do país – são raríssimas as cartas contendo críticas dos leitores que passam pelo crivo da redação e chegam a ser publicadas...

Mas, do que se acusa a mídia? De diversas coisas: algumas delas são digressões de intelectuais marxistas tardios e desavisados, mas algumas são sérias. Há grandes probabilidades de que você não tenha lido nada na imprensa (claro!) a respeito de três livros publicados este ano – em inglês – no Canadá, EUA e Inglaterra e que devem estar ainda longe de ser traduzidos e lançados no Brasil. São: Risk: The science and politics of fear (Risco: A ciência e a política do medo) de Dan Gardner; Panicology de Simon Briscoe e Hugh Aldersey-Williams e Flat Earth News: An Award-Winning Reporter Exposes Falsehood, Distortion and Propaganda in the Global Media (Notícias da Terra Plana: Um repórter premiado denuncia as falsidades, distorções e a propaganda na Mídia Global) de Nick Davies.

O primeiro expõe a curiosa tese de que a humanidade nunca teve tanta saúde e segurança e, no entanto, vive atormentada por um medo irracional e crescente, que tem conseqüências fatais, como as 1.595 pessoas que morreram em acidentes automobilísticos, nos EUA, nos 12 meses depois do 11 de setembro, por evitar viagens aéreas de medo de serem alvos de atentados terroristas. O segundo mostra como são, muitas vezes, baseadas em estatísticas ridículas, espúrias e até mentirosas, as calamidades com que a imprensa bombardeia as pessoas – na Inglaterra – sobre vacinas, o medo de ficar gordo e morrer antes da hora, ou de que as grandes empresas engulam seu negócio, da gripe aviária... O simples risco de estar vivo é cada vez mais alarmante. Finalmente, o autor do terceiro foi um jornalista premiado que desistiu da profissão e acusa os veículos de querer transformar a população em uma massa de ignorantes, divulgando notícias sensacionalistas e mentirosas e plantando ficções distribuídas pela CIA...

Artilharia pesada, talvez nem sempre judiciosa ou imparcial. Mas certamente seria mais saudável que todos tivessem mais acesso às críticas dirigidas a quem detem a liberdade para criticar – mesmo sendo legítima.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=465>>.
Acesso em: 24 jul. 2009.